

SÃO FRANCISCO PELO CAMINHO: ESPAÇO E FÉ EM “CÂNTICO DO IRMÃO SOL”

SAINT FRANCIS IN THE WAY: SPACE AND FAITH IN “CÂNTICO DO IRMÃO SOL”

*Paulliny Michelly Gualberto Fernandes TORT**

Resumo: O presente artigo procura fazer uma análise espacial do poema “Cântico do Irmão Sol”, de São Francisco de Assis. Escrito no dialeto úmbrio, entre os anos de 1224 e 1226, este é considerado o primeiro poema em italiano e a obra-prima do santo. Para realizar nosso intento, recorreremos à metodologia de Topoanálise proposta por Borges Filho (2007), fazendo algumas adequações para o texto poético.

Palavras-chave: Espacialidade; Topoanálise; São Francisco de Assis; Poesia.

Abstract: This article seeks to make a spatial analysis of the poem “Cântico do Irmão Sol” by St. Francis of Assis. Written in the umbrian dialect, between the years 1224 and 1226, this is considered the first poem in Italian and the masterpiece of the saint. To accomplish our purpose, we used the methodology of Topoanalysis proposed by Borges Filho (2007), making some adjustments to the poetic text.

Keywords: Spatiality; Topoanalysis; St. Francis of Assis; Poetry.

Introdução

Observai os lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles (MATEUS, 6: 28-29).

São Francisco de Assis é conhecido por ser o padroeiro dos animais. No seu dia, 4 de outubro, a festa litúrgica ganha o colorido da presença dos bichos, que entram com seus donos nos templos franciscanos de todo o mundo a fim de receber a bênção. Sua imagem está quase sempre associada aos seres irracionais, uma vez que São Francisco foi um dos poucos religiosos que ousou pregar e abençoar nossos companheiros não humanos. Aliás, existe uma farta

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Contato: paullinygualberto@gmail.com.

iconografia que ajudou a espalhar essa fama do santo. São Francisco é comumente representado falando aos animais ou aparece cercado de aves, cervos e lobos. De fato, ele marcou a Idade Média nas relações talvez inéditas que estabeleceu com a natureza. Mas há algo que muitos desconhecem e que é igualmente importante para compreender a vida e a obra do santo amigo dos bichos: São Francisco de Assis é considerado o primeiro poeta da língua italiana.

Entre outros escritos, há um pequeno conjunto de hinos e preces compostos por São Francisco que chegou até nós e que desvela sua sensibilidade poética. “A Exortação ao Louvor de Deus”, a “Saudação às virtudes”, a “Saudação à Bem-Aventurada Virgem”, o “Ofício da Paixão do Senhor” e mesmo sua paráfrase ao Pai-Nosso são algumas das obras que evidenciam o lirismo da comunicação em São Francisco de Assis. Mas, dentre todos os seus textos, o “Cântico di Frate Sole”, o “Cântico do Irmão Sol”¹ pode ser considerado uma obra-prima. “Este poema, graças ao qual a poesia italiana se inaugura por uma maravilha, foi chamado por Renan ‘a mais bela obra de poesia religiosa desde os Evangelhos’” (LE GOFF, 2012, p. 100). Escrito em dialeto úmbrio, entre os anos de 1224 e 1226, o “Cântico do Irmão Sol” é uma canção, cuja melodia perdida também fora composta por São Francisco.

Personalidade fascinadora por excelência, fazendo da sua arte uma forma de adoração, [São Francisco de Assis] compôs essa obra-prima quarenta anos antes do nascimento de Dante e, assim, foi o verdadeiro iniciador da poesia peninsular, numa língua ainda incerta e já tão saborosa em suas vacilações. O “Cântico do Sol”, que tem o sabor perturbante do vinho novo e tem, ao mesmo tempo, a pureza do vinho da missa, mostra-se-nos um trabalho soberbo de exaltação e de lirismo religioso, sem nada de superior em qualquer literatura (GRIECO, 1950, p. 17).

O “Cântico” se constitui de 33 versos em que Deus é louvado por meio da exaltação das qualidades das criaturas. São estas: o sol, a lua, as estrelas, o vento, o ar, as nuvens, o sereno, a água, o fogo e a terra, com seus respectivos frutos, flores e ervas. Juntos, esses elementos compõem uma paisagem natural, delicada e

¹ Este canto e todas as obras de São Francisco citadas neste estudo encontram-se reunidas em Teixeira (2004).

pacífica, onde tudo se dá de acordo com os desígnios do Criador, já que a natureza é resignada, como deveriam ser todos aqueles que creem no Cristo. Embora São Francisco elogie os que são capazes de suportar em paz a enfermidade e a tribulação, o espaço referenciado no poema suscita apenas saúde e bonança.

De certo modo, o espaço idílico do poema, embora idealizado, corresponde à região da Úmbria italiana, onde São Francisco de Assis passou a maior parte da vida. Para se ter ideia dessa correspondência, se estivéssemos tratando de uma narrativa, diríamos que há uma coincidência com o espaço da narração, que aparece explicitamente no texto. O poeta parte de sua própria experiência espacial, rica de andanças pelos campos e vilarejos da Itália, para compor os versos do “Cântico”. Apesar dos conflitos e inumeráveis litígios que dominavam a região, culminando em guerras que envolviam a própria Assis, a beleza da Úmbria parece sempre favorável à serenidade e contemplação. Talvez por isso tenha se tornado um lugar místico, que ainda hoje atrai peregrinos. “As almas ali parecem resultar da própria paisagem, quando a paisagem não parece resultar das almas, não se sabendo se a natureza imita os homens ou vice-versa” (GRIECO, 1950, p. 8).

A hierarquia do espaço no poema

No “Cântico do Irmão Sol”, toda a espacialidade está centrada na natureza. Conforme apresentamos nos parágrafos anteriores, o poema se constitui como uma ode à Criação, de forma que o deus dos cristãos possa ser louvado pelo reconhecimento das criaturas presentes no universo natural. De acordo Borges Filho (2007, p. 48), a “natureza é o conjunto das coisas que independem do ser humano, do fazer do homem”. Logo, ela pode ser interpretada como expressão direta do divino, estando, na espiritualidade franciscana, alinhada ao sagrado. Tanto que o poeta relaciona a imagem do sol à do próprio Deus: “E ele é belo e radiante com grande esplendor, / de ti, Altíssimo, traz o significado”.

De modo geral, o cristianismo do medievo se encontrava debruçado sobre um conjunto de conceitos abstratos, complexos e apartados da realidade tangível. Por sua vez, as culturas pagãs europeias, que conferiam sacralidade aos elementos naturais e à vida

cotidiana, eram perseguidas e sufocadas pela Igreja Católica. Sabemos, por exemplo, que centenas de árvores consideradas sagradas foram destruídas em favor do cristianismo naquele período. Tais circunstâncias fizeram com que os cristãos se distanciassem da natureza, como se tudo o que dissesse respeito à matéria fosse causa de pecado e concupiscência. No entanto, São Francisco revelou um caminho intermediário, que permite desfrutar das belezas do mundo enquanto dádivas do Criador. Nisso, o “Cântico do Irmão Sol” foi prodigioso, ápice de um verdadeiro projeto de reabilitação da natureza junto à cristandade.

Finalmente, proclamar, após São Francisco, que o mundo não é tão mau, que a água, o ar, a fogo, a terra também são sagrados, que o Criador colocou Adão no jardim para que ele o desfrutasse e para que trabalhe a fim de torná-lo ainda mais belo, que a Natureza é filha de Deus, merecendo, portanto, ser contemplada, observada, compreendida, era colocar-se à frente de um desejo de abraçar o real que agitava tantos homens (DUBY, 2011, p. 99).

No entanto, é preciso salientar que o fato de São Francisco reconhecer a presença de Deus nas criaturas não o leva a nenhuma espécie de panteísmo. Ou seja, a teologia franciscana não promove que Deus e natureza sejam idênticos. Ao contrário, a natureza apresentada por São Francisco é tão somente manifestação de uma entidade divina, única e superior. De tal modo, a espiritualidade franciscana não se refere a uma divindade abrangente, imanente, que se confunde com a matéria, mas a um deus que dá forma à natureza segundo objetivos insondáveis. Mantém-se, portanto, uma relação de hierarquia entre o mundo espiritual e o mundo material, sendo aquele superior a este. Não nos esqueçamos de que este poeta foi, fundamentalmente, um homem ortodoxo, a despeito de todas as “novidades” que tenha introduzido no cristianismo ocidental.

Coerente com a hierarquia estabelecida entre aqueles dois mundos, o poema apresenta uma relação de verticalidade espacial; começa se referindo ao céu – onde estão o “sol”, que representa Deus, a “lua” e as “estrelas” – e vai progressivamente descendo pelo espaço até atingir o ser humano, no nível da terra, com a morte corporal. Podemos dizer que a esse deslocamento no espaço corresponde um movimento simbólico que vai do sagrado ao

profano, de Deus ao coração dos homens. O receptor é assim conduzido a começar a leitura (ou a escuta, já que a poesia franciscana se insere no contexto da oralidade medieval) olhando para o alto, para o céu, onde habita o Altíssimo. Ali se depara com os astros, que são belos e luminosos, e passa a ter dimensão da onipotência do Criador.

Na sequência, os versos conduzem à apreciação do clima, o qual ocorre numa camada inferior ao cosmos, onde se encontram os corpos celestes descritos anteriormente. “Vento”, “ar”, “nuvens” e “sereno” são citados pelo santo, que, nesse trecho do poema, deseja louvar a Deus pela criação das diferentes condições climáticas. Mas podemos relacionar todos ao ar ou à atmosfera, já que os versos seguintes são compostos de elogios às qualidades da água, do fogo e da terra. Assim, percebemos que o poema aborda os quatro elementos naturais reconhecidos pela filosofia pré-socrática que tanto influenciou o pensamento cristão medieval. Para Empédocles (495/490 – 435/430 a. C.), a existência concomitante do ar, da água, do fogo e da terra seria a condição indispensável para a criação e a manutenção da vida no planeta.

Os versos apresentam a terra como o último espaço a ser explorado, o que está mais abaixo em relação ao céu, que é a morada do sol. O poema faz uma trajetória que vem das alturas celestiais em direção ao solo, ao chão que produz “frutos”, “flores” e “ervas” para o sustento das criaturas. Podemos encarar esse movimento como uma curva decrescente, derivada da valorização dos espaços altos, das grandes distâncias, dos corpos inacessíveis que talvez melhor representem a superioridade do deus dos cristãos. Isso significa que, ainda que o fiel esteja apto a louvar a Deus por meio de suas criaturas, é para cima que ele deve olhar sempre que se dirigir ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Pelo percurso espacial, o Cântico mantém o homem, que está ligado à terra, numa posição de submissão, de obediência e de lealdade a Deus; assim como o vassalo se mantém em relação a seu senhor.

Além disso, a terra do “Cântico” é chamada de “mãe terra”, termo que coloca em evidência a função maternal desse elemento. Ela é quase a Gaia dos gregos, uma deusa dotada de grande potência geradora. Por isso, está intimamente ligada ao feminino, à fecundidade e à regeneração. De acordo com Chevalier (1986), a

terra se opõe simbolicamente ao céu, representando um princípio passivo, submisso em relação ao firmamento, que é ativo. Refletindo sobre o tema, concluímos que a terra se encontra completamente submissa à ação da abóbada celeste, que lhe cobre e pode ser relacionada ao aspecto masculino da manifestação. Percebamos como toda essa simbologia corrobora a ideia de um deus que habita nas alturas e que, embora bondoso, exerce seu poder sobre o conjunto da natureza.

A natureza como modelo de fé

O primeiro aspecto que precisamos considerar ao analisar o “Cântico do Irmão Sol”, assim como qualquer outro escrito de São Francisco, é que a totalidade de sua obra está inserida num grande projeto de cristianização. São Francisco não escreveu por amor às letras, por prazer estético ou necessidade de expressão. Sua pena trabalhava apenas quando em função do modelo de fé que propunha: cultivar a humildade, agradecer ao Pai, imitar radicalmente o Cristo. Para fora dessas temáticas, o santo não se interessava pela escrita. É verdade que, antes da conversão, Francisco fora um jovem influenciado pela literatura de cavalaria e que o *ethos* das cortes muitas vezes se manifestava nos seus modos de compreender a espiritualidade e a experiência religiosa. Mas, feita a transição para a vida santa, São Francisco se afastou das artes do século, adotando como única leitura a Bíblia Sagrada, particularmente o Novo Testamento. Este, a maior referência de seus escritos.

[...] sob a diversidade de suas formas exteriores, todos esses opúsculos [de São Francisco] são apenas contribuições a uma mesma obra: a formação espiritual de seus frades e, por consequência, a comunicação de uma mensagem à humanidade. Francisco não foi um escritor, mas um missionário que completou com alguns escritos uma mensagem da qual tinha transmitido o essencial pela palavra e pelo exemplo (LE GOFF, 2012, p. 93)

O que São Francisco espera produzir com o “Cântico do Irmão Sol” é uma aproximação entre Deus e os homens e mulheres cristãos. Ao tomar a natureza como instrumento de louvor, ele recorreu ao que há de mais próximo, de mais tangível na experiência

humana para falar do que há de mais inalcançável em nosso imaginário. As criaturas, e todo o espaço que elas compõem, são qualificadas de modo a dar reconhecimento ao poder e à generosidade do Criador, entidade nunca revelada. Pois, se há qualquer beleza no mundo, ela provém de uma mente superior que tudo arquitetou para o bem-estar da raça humana. Isto é, se temos o sol, a lua e as estrelas que brilham no céu, se temos a água cristalina a nosso dispor e todos os frutos da terra para que nos sirvam de alimento, devemos agradecer a Deus.

Ademais, atentemos para a adjetivação dada às criaturas, que compõem o espaço do poema. O sol, representação do Altíssimo, é “belo e radiante com grande esplendor”. A lua e as estrelas são descritas como “claras e preciosas e belas”. Os elementos relacionados ao ar não recebem adjetivos. A água é “muito útil e humilde e preciosa e casta”. O fogo, que ilumina a noite, é “belo e agradável e robusto e forte”. Por fim, a “mãe terra” é caracterizada por seus “diversos frutos com coloridas flores e ervas”. Vejamos que a beleza é um atributo recorrente dessas criaturas, de modo que o espaço no “Cântico” convida à contemplação, a qual, por sua vez, conduz ao necessário reconhecimento da caridade divina; somente um deus bom, amoroso e abundante seria capaz de gerar criaturas tão belas. A humildade é outro predicado importante. Não só a água é humilde, mas também a terra, que, na condição feminina de mãe, encontra-se submetida aos desígnios do céu. Como bem lembra Chevalier (1986), a terra é *humus*, que dá origem à palavra humildade.

Essa submissão é muito significativa na espiritualidade franciscana. Tanto que, após caracterizar o espaço, São Francisco elogia “aqueles que perdoam” e que “suportam enfermidade e tribulação”, pois serão coroados por Deus. Conclui o poema com versos de recomendação aos fiéis, em que a humildade aparece categoricamente: “Louvai e bendizei ao meu Senhor / e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade”. De modo quase velado, São Francisco sugere aos cristãos que se comportem tal como a terra maternal, que tudo suporta sem deixar de prover. Portanto, podemos afirmar que há uma imbricação simbólica entre o espaço e a espiritualidade franciscana no “Cântico do Irmão Sol”, confirmando a ética do Cristo: “Não resistais ao homem mau; antes, àquele que te

fere na face direita oferece-lhe também a esquerda; e àquele que pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também o manto” (BÍBLIA, 2010, [Mateus, 5: 39-40]).

Conclusões

Mais que um espaço de regozijo, a natureza se apresenta como um modelo de fé; o que São Francisco suscita no “Cântico” é o abandono completo à providência divina. Ele se apropria da beleza natural para propor uma reflexão de cunho muito mais teológico que ecológico: a natureza é bela porque Deus a fez assim e, se confiarmos nossas vidas a Ele, seremos bem-aventurados. Afinal, a semente brota porque a terra aceita passivamente a chuva, mas também a tempestade terrível, o dilúvio, pois tudo acontece com o conhecimento do Criador. Eis o comportamento que São Francisco espera dos cristãos. Seu pensamento vai ao encontro de preceitos dados pelo próprio Cristo, que disse aos homens para não se preocuparem com os assuntos da matéria, para confiarem na providência, já que Deus veste com glória até os efêmeros lírios do campo.

Nesse espaço, que é ao mesmo tempo real e mágico, São Francisco consegue criar um ambiente propício para o desenvolvimento da espiritualidade. A natureza do “Cântico” é feita para ser contemplada, mas também imitada, uma vez que ela manifesta qualidades ideais, como a beleza, a castidade e a humildade. Espaço e fé atuam numa relação sinérgica, em favor de uma mensagem puramente religiosa. Como sabemos, São Francisco escrevia com um objetivo muito específico, que era a evangelização, e seu poema mais célebre foi composto de maneira que o receptor se sentisse tocado pela graça divina. Aquele espaço harmônico, sugerido pelo “Cântico” tem raízes na realidade, mas é a materialização de um universo espiritual, onde não existe escuridão, nem tempestade, nem espinhos. Um projeto de fé tão difícil de realizar – o abandono completo à providência – exige um palco impecável, que não deixe brecha para medo ou dúvida. Nesse sentido, o espaço criado por São Francisco de Assis não podia ser mais homólogo: sua natureza corrobora a fé.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2010. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura*: introdução à topoi-análise. Franca-SP: Ribeirão, 2007.

CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GRIECO, Agrippino. *São Francisco de Assis e a poesia cristã*. 2. ed. São Paulo: José Olympo, 1950.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TEIXEIRA, Frei Celso Márcio (Org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Recebido em 20/04/2013

Aceito em 25/05/2013